

Artigos Dossiê

Um “Símbolo da fraternidade dos dois povos”: O monumento a José e Anita Garibaldi em Porto Alegre (1913)

A “Symbol of the brotherhood of the two peoples”: The monument to Giuseppe and Anita Garibaldi in Porto Alegre (1913)

Antonio de Ruggiero¹

Resumo: No artigo são analisadas as dinâmicas que de 1907 a 1913 marcaram o processo de idealização e construção do monumento para homenagear as figuras de José e Anita Garibaldi no centro da capital gaúcha. Foi uma iniciativa promovida pelas principais associações de imigrantes italianos de Porto Alegre. No ano do centenário do nascimento de Garibaldi, surgiu a ideia de doar ao Estado hospitaleiro uma estátua simbólica que valorizava as duas figuras heroicas ativas tanto na Revolução Farroupilha, quanto nas lutas pela independência italiana. Por meio da “Análise do discurso” são examinados aspectos relacionados à retórica ideológica utilizada no periódico étnico “Stella d’Italia”, que patrocinou e acompanhou todas as etapas do projeto. São observadas as estratégias utilizadas para reforçar um sentimento de pertencimento étnico entre os ítalo-gaúchos. Ao mesmo tempo, reflete-se a respeito da utilização do mito “compartilhado” do General italiano como possibilidade de maior afirmação e diálogo com a sociedade de acolhimento.

Palavras-chave: Monumentos e identidades coletivas. Imigração italiana no Rio Grande do Sul. Mito de Garibaldi

Abstract: This article analyses the dynamics that participated in the idealization and

construction of a monument to Giuseppe and Anita Garibaldi from 1907 to 1913 in Porto Alegre. This was an initiative promoted by the main Italian immigrants’ associations in the city. In the year of Garibaldi’s birth centenary, came up the idea to donate a symbolic statue to the state of Rio Grande do Sul that would honor those two active figures both in the Farroupilha Revolution and the wars for Italian independence. Through “Discourse Analysis”, the article examines aspects related to the ideological rhetoric used in the ethnic journal “Stella d’Italia”, which sponsored and monitored all stages of the project. The strategies used to reinforce a feeling of ethnic belonging among the Italo-Gauchos are observed. Meanwhile, the article offers a reflection upon the shared “myth” of the Italian General as a possibility of a greater affirmation and dialogue with the host society.

Keywords: Monuments and collective identities. Italian immigration in Rio Grande do Sul. Garibaldi’s myth.

¹ Doutor em História da Idade Moderna e Contemporânea na Università degli Studi di Firenze (Itália). Pós Doutor em História pela PUCRS. Professor adjunto da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). E-mail: antonio.ruggiero@pucrs.br

Introdução

Depois de uma longa travessia oceânica do porto de Gênova até o Rio de Janeiro, e sucessivamente para o Rio Grande do Sul, domingo, dia 18 de maio de 1913, aportava, na capital gaúcha, uma enorme caixa que continha um monumento em mármore de Carrara composto por uma base e por um grupo escultórico, com peso total de cerca de 20 toneladas. Tratava-se da obra do marmorista escultor italiano Prof. Simi, que trabalhava para a empresa dos Irmãos Vittorio e Alessandro Giorgini de Massa Carrara, na Itália. Não foi fácil transportar o monumento pelas ruas de Porto Alegre. Apenas na sexta-feira sucessiva, graças à utilização de um moderno autocarro com 40 cavalos de potência e com a ajuda de um inspetor e dois guardas municipais disponibilizados pelo intendente José Montaury, o monumento chegou à praça Garibaldi, seu lugar de destino final (STELLA D'ITALIA, 22-25 maio 1913).

Esse era o tão esperado monumento dedicado a José e a Anita Garibaldi, que, desde 1907, tornou-se um ambicioso projeto ligado à numerosa coletividade italiana do Estado, e coordenado por um grupo de imigrantes notáveis da capital gaúcha. A escultura imortalizava um instante épico da Revolução Farroupilha, quando os imperiais tentaram desembarcar na praia da Lagoa dos Patos enquanto o “herói dos dois mundos” estava apostado com seus soldados.

Nessa ocasião, ass sua amada Anita tinha dado uma grande prova de coragem jogando-se em cima de um canhão para atirar contra as tropas assaltantes. Os republicanos conseguiram conter o inimigo, que se retirou em desordem. O escultor reproduziu esse acontecimento no mármore. Anita, curvada sobre um canhão com a cabeça orgulhosamente levantada sorrindo com admiração, olhando para o esposo, que com o poncho gaúcho e uma espada na mão, está em pé, atrás dela. Na base, aparece a escrita: “Ai Riograndensi la Colonia Italiana XX-IX-MCMXIII” (CROCIATA, 2000, p. 408).

O monumento, que custou, no total, quase 25 contos de réis, foi o resultado de um longo e conturbado processo de mais de seis anos, durante os quais toda a comunidade italiana do Rio Grande do Sul foi chamada a contribuir através de doações financeiras, organizadas a partir de um Comitê específico “Pró-Monumento” com a participação das maiores associações e dos jornais étnicos italianos presentes em Porto Alegre.

O mito de Garibaldi na construção identitária dos ítalo-gaúchos

Nos últimos anos, uma rica produção historiográfica inserida no filão dos *Cultural Studies* beneficiou-se da análise de recursos literários, artísticos e simbólicos, evidenciando a importância que tais elementos ocuparam nos processos de nacionalização das massas. Com o nascimento do conceito moderno de “Nação”, entre o final do século XVIII e o começo do século XIX, líderes e intelectuais nacionalistas concentraram-se naquela que foi definida a “estética da política” (MOSSE, 1974), necessária para legitimar o conceito de soberania política nas diferentes novas realidades estaduais que surgiam. Buscou-se alcançar a consolidação de comunidades nacionais específicas a partir da valorização de aspectos culturais, históricos e identitários comuns, frequentemente mais “imaginados” que reais (ANDERSON, 2008). A comunicação e o léxico da política elaboraram novas estratégias para alcançar facilmente setores sociais inteiros, incluindo as massas populares mais estranhas, até então, à tais dinâmicas de formação de um sentimento coletivo de pertencimento (THIESSE, 2001; HOBSBAWM, 2016).

O caso da Unificação e a formação de um único Estado na Itália pode ser considerado emblemático nesse sentido. “Feita a Itália, temos que fazer os italianos” era a frase atribuída a um importante jornalista e político no período do *Risorgimento*. E fazer os italianos significava, principalmente, lidar com um conjunto de diferenças e peculiaridades regionais, dialetos, culturas e costumes ainda pouco integrados. Tornou-se comum, na classe dirigente e intelectual da península, divulgar as ideias nacionalistas através de uma linguagem e de mensagens mais direcionadas ao campo emocional que ao racional, mais ao coração do que ao cérebro (BANTI, 2011).

Nas comunidades de imigrantes que se espalharam no mundo todo a partir da formação do Estado Unitário, a defesa e a consolidação de uma identidade coletiva italiana tornaram-se um objetivo central para evitar a dispersão ou isolamento, até mesmo político, do próprio grupo étnico. Mais ainda, a nacionalização das massas imigrantes fazia-se necessária para contrastar o risco de uma rápida assimilação nos lugares de acolhimento. A utilização de símbolos, alegorias identitárias e verdadeiras “liturgias cívicas” entraram no léxico comum dos principais jornais étnicos burgueses publicados nas localidades de imigração, com uma mobilização que se estendia ao mundo do associativismo, frequentemente apoiado pelas mesmas instituições diplomáticas oficiais. Também nos centros coloniais e urbanos mais importantes do Rio

Grande do Sul foi evidente o esforço na construção de monumentos, epígrafes, elementos arquitetônicos; assim como a divulgação de bandeiras, hinos, pinturas, obras teatrais e musicais que pudessem falar aos sentimentos dos imigrantes, suscitando paixões e orgulho identitário (DE RUGGIERO, 2014).

Em várias cidades do Rio Grande do Sul, uma presença precoce de pequenas comunidades de peninsulares foi registrada desde a primeira metade do século XIX, bem antes da chegada dos grandes contingentes de camponeses direcionados para as colônias estabelecidas pelo governo imperial desde 1875. Foi principalmente a partir da Revolução Farroupilha que a presença italiana se tornou mais consistente. Além dos mais conhecidos Garibaldi, Rossetti e Zambeccari, muitos outros compatriotas *mazzinianos* envolveram-se no movimento revolucionário: Anzani, Matru, Cuneo, Carniglia, Valerini, Staderini, Torrison – somente para citar alguns nomes, e registraram sua passagem pelo Rio Grande do Sul (BERNARDI, 2000).

Quando, nos anos sucessivos à unificação da península, a *colônia* italiana do Estado alcançou um peso numérico mais significativo, o símbolo de Garibaldi foi o mais utilizado para a construção de uma identidade coletiva entre os imigrantes (FANESI, 2007; CONSTANTINO; FAY, 2011). A imagem foi declinada na dupla representação do mito criador da entidade estadual italiana, e ao mesmo tempo do herói “gaúcho” da Revolução, principalmente a partir do final do século, depois da Revolução Federalista, quando a epopeia farroupilha assumia o primeiro plano na narrativa histórica rio-grandense. Frequentemente foi associado à figura feminina de Anita, a heroína que lhe deu um filho brasileiro e o acompanhou até o sacrifício final nas campanhas militares sul-americanas e, sucessivamente, italianas.

Na verdade, o mito de Garibaldi alcançou todas as regiões estrangeiras e brasileiras com forte presença italiana. Entretanto, tal preferência simbólica no Rio Grande do Sul justificava-se pelo fato que, entre os principais líderes da comunidade nas últimas décadas do século XIX, encontravam-se antigos companheiros do General (CONSTANTINO; OSPITAL, 1999).

É importante lembrar que, em julho de 1877, foi fundada, em Porto Alegre, a primeira associação étnica italiana, a “Mutuo Soccorso e Benevolenza”, que poucos meses depois mudou o nome para “Vittorio Emanuele II” em homenagem ao rei unificador recém-falecido. Entre os sócios fundadores aparecem Azzarini e Obino, junto com outros velhos soldados dos batalhões farroupilhas e da Legião Garibaldina no Uruguai, que foram antigos camaradas

revolucionários de Garibaldi. A diretoria, no mesmo ano de fundação, escolheu, de forma natural, o herói italiano como presidente honorário. Da ilha de Caprera, onde passou os últimos anos da sua vida, Garibaldi respondia aceitando com profunda gratidão:

Meus caros amigos, obrigado pelo prestigioso título de presidente honorário. Lembro com gratidão a hospitalidade recebida pela generosa população do Rio Grande. Sempre vosso, G. Garibaldi (CROCETTA, 2000, p. 365).

Com a ampliação do grupo étnico na capital e nas outras regiões de colonização italiana, a “Vittorio Emanuele II” funcionou como referência à vida social da cidade, promovendo através da sua indiscutível liderança as atividades e a consolidação de um sentimento identitário entre os peninsulares de todo o Estado. Em julho de 1904 foi inaugurada de forma solene a nova sede da associação, na Rua 7 de Setembro, no centro da capital. Foi construída com a colaboração de técnicos e arquitetos italianos em um suntuoso palacete de dois pisos em estilo neoclássico. Sobre a fachada erguia-se o busto de mármore do Rei *Galantuomo* e abaixo dele, os de Garibaldi, Cavour e Mazzini, as mais importantes – e muito diferentes entre si – almas do *Risorgimento* italiano, que agora conviviam idealmente em paz e de acordo. Com certeza, no panteão da pátria idealizada, o “herói dos dois mundos”, presidente honorário da sociedade até o dia da sua morte em 1882, assumia um papel de destaque. Escreve Núncia Constantino:

Seus fundadores evidenciaram consciência de nacionalidade, cultuaram os heróis e os feitos do Ressurgimento, pois o nome de Garibaldi já estava glorificado na Itália. É o retrato de Garibaldi que se encontra na parede da casa dos que desejam ser italianos. Foi reproduzido em serie pelo fotografo Calegari, feito *Cavaliere* pelo representante do Reino da Itália (CONSTANTINO, 2007, p. 93).

Foi por iniciativa da “Vittorio Emanuele II” que, no dia 4 de julho de 1907, foram organizadas as comemorações do centenário do nascimento de Garibaldi, depois de um intenso trabalho por parte de um comitê específico capaz de mobilizar uma consistente quantidade de ítalo-gaúchos, que participaram com entusiasmo do evento. Com a presença das autoridades locais, foi inaugurada, no salão social da nova sede, uma lápide com esta epígrafe:

In questa libera terra, ove rifulse di gloria, l'Eroe dei due mondi Giuseppe Garibaldi, a perpetuo ricordo dei posteri, nel centenario della sua nascita, la Colonia unanime pose (CROCETTA, 2000, p. 367).

No mesmo dia, a antiga Praça da Concórdia na Cidade Baixa, bairro tradicional dos italianos, recebeu por decreto do intendente municipal José Montaury o nome do General, enquanto um trecho da Rua Garibaldi já existia desde 1883, ano sucessivo à morte do herói. No ofício público assinado, enfatizava-se a ligação entre o povo rio-grandense e a colônia italiana do estado, lembrando o valor do

notável vulto italiano que bem mereceu do Rio Grande do Sul pelo patriotismo e abnegação com que em 1838 acudio ao appêllo dos repubblicanos na gloriosa campanha pela liberdade, nobilitando-se por actos de temeraria bravura (STELLA D'ITALIA, 7 jul. 1907).

A partir dessa celebração, surgiu a ideia de oferecer ao Rio Grande do Sul um monumento onde as figuras lendárias de Garibaldi e Anita pudessem atestar a afinidade étnica e histórica que ligava “com vínculo de amor e de sangue”, italianos e rio-grandenses (CROCETTA, 2000, p. 407). A iniciativa surgiu graças à formação de um Comitê específico, que reunia vários sócios da “Vittorio Emanuele II” e outros indivíduos ativos no movimento associativo italiano de Porto Alegre. A difícil tarefa, desde o primeiro dia, foi a de organizar doações e manter elevado o consenso e o entusiasmo “identitário” de todos os ítalo-gaúcho nas cidades e nas colônias, para alcançar a cifra necessária para a construção de um suntuoso monumento em mármore de Carrara.

Certamente indispensável foi o esforço de elementos de destaque na coletividade como, por exemplo, o do jornalista milanês Adelchi Colnaghi, diretor do mais importante jornal étnico bissemanal em circulação no Rio Grande do Sul desde 1902. O “Stella d'Italia” tornou-se a caixa de ressonância principal da atividade do Comitê, elaborando uma retórica nacionalista persuasiva e eficaz nas suas colunas intituladas “Pro-monumento”. O jornal, publicado “sob os auspícios das Sociedades italianas”, identificava-se desde os primeiros números como o porta-voz de um extenso programa para formar um “espírito cívico solidário” entre os italianos e descendentes. Criticava o patriotismo individual e isolado. Considerava que o imigrante no exterior não devia pertencer a nenhum partido que não fosse àquele da pátria. O projeto era uniformizar e disciplinar o patriotismo

dos italianos “para que as massas possam ser invencíveis” (STELLA D’ITALIA, 30 mar. 1902). Colnaghi explicitava, ainda, que pretendia “construir uma coletividade com uma identidade homogênea com a Mãe Pátria”, para contrastar a dispersão e o isolamento em que vivia a comunidade dos peninsulares em Porto Alegre e no estado. Buscava promover uma identidade italiana entre as novas gerações nascidas no Brasil, que estavam mais afeitas à assimilação da cultura local. Tinha como bandeira a nacionalização das massas imigrantes, sendo voltado para uma nascente burguesia liberal na comunidade étnica, refletindo a nova orientação da política italiana no final do século XIX e princípios do XX. Nessa perspectiva, ressaltava a importância das comemorações de festas cívicas nacionais, como veículo para construir um imaginário identitário coletivo fundado nas tradições da pátria (BARAUSSE; BASTOS; DE RUGGIERO, 2017). Quase de forma natural tornou-se o patrocinador principal do comitê “pró-monumento a Garibaldi”, considerando o fascínio que o herói mais popular do *Risorgimento* exercia nas multidões de todos os grupos sociais.

Além disso a retórica de santificação do “arcanjo loiro da liberdade” – e nesse caso também da figura da catarinense Anita, guerreira e companheira nas duas revoluções, no Brasil e na Itália – respondia a uma lógica de mediação cultural dentro da política local. Como foi sublinhado por Núncia Constantino, na virada do século, com o novo presidente do estado, Borges de Medeiros, se elaborou uma narrativa de valorização do imigrante italiano, modelo de operosidade e propenso à assimilação. Sempre no mesmo período, o republicanismo no Rio Grande do Sul revitalizava o movimento literário e tardo-romântico que enaltecia a figura do “gaúcho” como “nativo puro, valente e generoso”. O culto do Garibaldi gaúcho, representado com o poncho e a cavalo, se fortaleceu. Em 1898 surgiu em Porto Alegre a o “Grêmio Gaúcho”, a primeira associação regionalista e tradicionalista, criada pelo republicano positivista José Cezimbra Jaques. Nesse contexto,

a Revolução Farroupilha assumia o primeiro plano na narrativa histórica rio-grandense. E um destaque foi atribuído a Garibaldi em decorrência de sua participação na mesma. No herói dos dois mundos demonstrava-se a magnitude dos ideais farroupilhas, por um lado. Por outro, demonstrava-se a profunda ligação e dedicação dos italianos ao Rio Grande e à sua gente, lembrando em plano secundário Zambeccari e Rossetti (CONSTANTINO, 2007, p. 102).

O culto “compartilhado” de Garibaldi encontrava a sua mais completa expressão no dia do XX de setembro, que por uma curiosa coincidência foi uma

data simbólica importante pelas duas comunidades. Os gaúchos comemoravam o início da Revolução Farroupilha em 1835, enquanto os italianos lembravam o momento da épica “tomada de Roma”, quando a cidade foi ocupada pelo exército régio em 1870. No vinte de setembro daquele ano, completava-se, na península, o processo de unificação, terminando a longa fase histórica em que o Papa reinou como um soberano temporal qualquer, em um estado de tamanho médio como era o velho *Stato Pontificio*. Em breve, Roma seria a capital do Reino da Itália. A comemoração desta data, oficializada pelo primeiro-ministro ex-garibaldino Francesco Crispi em 1895, representou por muito tempo a mais evidente encarnação do princípio de nacionalidade, principalmente entre os italianos residentes no exterior (RIDOLFI, 2011).

Não obstante o caráter controverso e as repulsões de uma parte do mundo católico mais intransigente – na verdade muito esporádicas no Rio Grande do Sula – a festa suscitava uma efetiva e espontânea participação popular entre os imigrantes italianos. O aniversário representou durante muitos anos o evento mais expressivo para reacender as paixões do amor pela Pátria, e para reestabelecer um princípio de identidade étnica através da recuperação dos mitos fundacionais.

O 20 de setembro torna-se, sobretudo nas principais comunidades urbanas, um objeto de ampla publicidade com a divulgação de números únicos de jornais impressos e de imagens sobre a ocasião. A comemoração era sempre bem-organizada e ritualizada através dos discursos oficiais das autoridades diplomáticas, a recuperação das marchas e dos hinos ressurgimentais, a exaltação dos heróis nacionais e de todo aquele aparato retórico capaz de reforçar uma identidade coletiva que se apresentava, ao menos na aparência, sólida e compacta. Digo aparência, pois essa imagem de união, às vezes, reduzia-se apenas ao dia da celebração, quando as inúmeras bandeiras tricolores, as músicas da Nação e a máquina simbólica patriótica conseguiam esconder apenas momentaneamente as múltiplas divisões internas da colônia. A figura mais utilizada era a de José Garibaldi, herói nacional a quem era atribuído o lendário lema “Roma ou morte!” e, ao mesmo tempo, “herói gaúcho” que havia se distinguido na epopeia revolucionária farroupilha (FRANZINA, 1999). Não por acaso, a data escolhida para a inauguração do monumento foi um “20 de Setembro”.

A história do monumento

Como foi dito, a partir das celebrações do centenário de nascimento do General, no dia 4 de julho de 1907, surgiu a ideia de oferecer ao Rio Grande do Sul um monumento onde as figuras lendárias de José Garibaldi e Anita Ribeiro pudessem atestar a afinidade étnica e histórica dos dois povos. Em agosto do mesmo ano, constituiu-se, na sede da “Vittorio Emanuele II”, um comitê, que tinha como objetivo arrecadar contribuições financeiras em todo o Estado. Entre os membros, todos indivíduos de destaque na comunidade italiana de Porto Alegre, guiados pelo presidente Guido Bertolotti, prevaleceu a ideia de que fosse necessário um esforço em conjunto com a população rio-grandense em geral.

Além de nomear o titular do consulado italiano como presidente honorário, o encargo foi atribuído também ao presidente do Estado, Borges de Medeiros, e ao intendente da capital, José Montaury. No entanto, se estendia o título de sócio honorário a todos os 66 intendentes dos Municípios Rio-grandenses que resultassem úteis na arrecadação dos recursos. Nas primeiras reuniões estabeleceram-se os critérios de coleta e se pensou até em compilar o *Libro d'Oro* a ser entregue para a Biblioteca do Estado, elencando todos os doadores (STELLA D'ITALIA, 15 dez. 1907).

O presidente do comitê, junto com o intendente de Porto Alegre, foi recebido pelo governador, que se comprometeu a pagar uma contribuição de um conto de reis a favor da obra; disponibilizar gratuitamente o mármore de Encruzilhada do Sul para o baseamento da mesma estátua; isentar o monumento dos impostos alfandegários; solicitar as principais intendências municipais do estado uma contribuição de 100\$000 cada uma, somada aos 500\$000 oferecidos por Porto Alegre. Enquanto isso, o Consulado Italiano comprometia-se a contatar o Ministério das Relações Exteriores para obter facilidades nos custos do transporte oceânico da península até o Rio de Janeiro (STELLA D'ITALIA, 10 nov. 1907). No final do ano, a execução do projeto parecia mais viável, considerando os quase 3 contos de reis que o comitê já possuía em caixa, como sobra da arrecadação pró-centenário de Garibaldi.

As polêmicas, porém, como frequentemente aconteciam no seio da comunidade italiana, não tardaram a chegar. Terminada a presidência de Bertolotti no comitê, foi eleito um triunvirato que, desde o começo de 1908, enfrentou as pressões de um grupo consistente de ítalo-gaúchos e que, apoiado pela “Stella d'Italia” – começou a reivindicar um maior protagonismo “italiano” na construção da obra:

Aquele monumento devia, segundo a nossa opinião, ser feito unicamente com o nosso dinheiro, atestando ao povo rio-grandense os sentimentos de fraternidade da colônia. Mas o “Comitê promonumento [...] não teve o mesmo ponto de vista e preferiu juntar os dois povos também nas despesas da construção [...]. A colônia italiana não é oferecedora, mas concorrente ao monumento; não é mais doadora, mas se torna executora de uma obra sobre a qual não pode mais ter uma escolha livre; em uma palavra, ela passou em segundo plano e uma vez terminado o monumento, caminhando na frente do mesmo não poderá mais dizer: este é um dono que eu fiz para o estado, mas poderá só dizer: eu também concorri à construção; como se vê, a coisa muda sensivelmente (STELLA D’ITALIA, 22 mar. 1908).

No meio desse impasse, que deixava os líderes da comunidade divididos entre eles, as atividades do comitê interromperam-se temporariamente, pois eram aguardados os desenhos pedidos a algumas oficinas de mármore na Itália, antes de começar com uma campanha de doações mais capilar. Em agosto de 1908, o esboço ideado pelos irmãos Giorgini de Massa Carrara, encarregados diretamente pelo renomado escultor italiano de Porto Alegre, Carlo Fossati, foi finalmente escolhido (STELLA D’ITALIA, 20-23 ago. 1908).

Mesmo estipulada a execução da obra com a oficina italiana, porém, as hesitações do comitê atrasavam o começo de uma verdadeira campanha de arrecadação para alcançar o valor de 18 contos de réis, cerca de 25 mil liras italianas. O projeto encalhou definitivamente quando, em 28 de dezembro do mesmo ano, a Itália foi vítima de uma das maiores catástrofe de sua história: o terremoto, com sucessivo tsunami, que causou mais de 120 mil vítimas nas cidades de Régio Calábria e Messina.

Toda a comunidade peninsular do Estado mobilizou-se com uma coleta financeira, que por muitos meses tornou-se a única preocupação das diversas instituições étnicas e das autoridades diplomáticas, enquanto o Comitê Pró-Monumento suspendeu a sua atividade. Apesar de esporádicos apelos, por parte de italianos que desejavam retomar logo o projeto, apenas em janeiro de 1910, graças à mediação do cônsul, cav. Beverini, voltou-se a falar da estátua, enquanto uma assembleia reunida na sede da “Vittorio Emanuele II”, autorizava a remessa dos primeiros 4 contos de reis já arrecadados pelos 18 estipulados, para a empresa de Massa Carrara, como antecipação pelo início da construção (STELLA D’ITALIA, 3-6 fev. 1910). Ao mesmo tempo, foi aprovada a publicação e a venda de um cartão

com o desenho do monumento, pedindo formalmente a colaboração patriótica de todas as associações italianas no Estado, encarregadas de organizar a coleta nas diferentes comunidades.

Recebida a primeira cota, os irmãos Giorgini nomearam como diretor artístico do monumento o Prof. Simi, que trabalhava para a oficina, comprometendo-se a entregar a obra completa em junho de 1911, depois de ter enviado com dois meses de antecedência o baseamento do grupo marmóreo. Com um excessivo otimismo, a esperança do Comitê e das autoridades italianas era conseguir erguer a estátua no centro de Porto Alegre, por ocasião das celebrações do XX de setembro de 1911, no ano do jubileu da Pátria proclamada em 1861 (STELLA D'ITALIA, 21 abr. 1910).

No entanto, através de uma altissonante retórica, a “Stella d'Italia” assumia o caráter de órgão oficial pela promoção da homenagem simbólica que a coletividade italiana do Rio Grande do Sul oferecia à história dos seus imigrados e descendentes nessas terras. Ao mesmo tempo, enaltecia a imagem de um Garibaldi vestido com o poncho gaúcho, ao lado da sua fiel companheira brasileira, como o emblema da gratidão que o grupo étnico expressava para o país acolhedor (RAMOS; VARGAS; LIMA, 2014, p. 266-282). Nas páginas do jornal, o comitê se pronunciava:

E ao celebrar José Garibaldi nos encontramos ao lado dos nossos irmãos brasileiros, seja pela obra cumprida por ele nas batalhas da sua primeira república, seja pela suave imagem de uma mulher, que ele aqui escolheu como sua nobre, sua fiel, sua heroica companheira. E o herói e a heroína representados no mármore nos dirão que como foram unidos em vida José e Anita, assim unidos devem ser os corações dos italianos e dos brasileiros nesta terra abençoada, que para todos indistintamente abre seus braços, que para muitos de nós tornou-se a pátria de adoção, que a todos nós deve ser apreciada pela sua generosa hospitalidade (STELLA D'ITALIA, 24-27 fev. 1910).

A decisão final do triunvirato foi de renunciar à participação econômica pedida inicialmente às autoridades e ao povo rio-grandense, para deixar que os italianos assumissem todos os custos, envolvendo no esforço a adesão da “classe operária mais humilde e escondida”, ou seja, os indivíduos que habitualmente não participavam da vida associativa:

Compatriotas! A memória de Garibaldi nos valoriza e nos purifica a todos. [...] onde os homens se dividem nas conquistas do dinheiro, lançamos uma palavra de união e de fé e proclamamos a glória do Homem que sofreu imensamente e renunciou a tudo para o triunfo de um ideal altíssimo (STELLA D'ITALIA, 10-13 fev. 1910).

A construção do monumento tornava-se assim uma prioridade “moral” da coletividade ítalo-gaúcha, para saldar os vínculos “de amor e fraternidade” entre a Itália e o Brasil, mas também para consolidar a sua posição no âmbito político local:

A colônia italiana tem o dever de consolidar a sua posição nesta segunda pátria, procurando todas as vias para destruir a suspeita bastante natural que pode se manifestar no coração do povo Rio-Grandense menos evoluído, de modo que nossa presença seja unicamente devida à conveniência e aos benefícios financeiros que dela derivam, sem que fale o coração [...]. A construção do monumento dirá à presente e futura geração que os italianos não querem ser considerados estrangeiros no estrito sentido da palavra, mas coeficientes de força, de riqueza e de concórdia. [...] Ele (o monumento) será o altar da nossa concórdia, a prova luminosa do reconhecimento italiano pelo povo irmão (STELLA D'ITALIA, 23 jun. 1910).

Não obstante a insistente propaganda do jornal dos italianos, que também publicava listas com os nomes de todos os doadores; e apesar da intensa atividade dos líderes no mundo associativo e do cônsul Beverini, que participava com entusiasmo da iniciativa, não foi fácil a arrecadação dos fundos necessários para completar a obra. Foram, de fato, subestimados os altos custos relativos à expedição e às práticas de desembaraço aduaneiro de todo o grupamento estatutário.

Malgrado os pedidos ao Ministério, não houve a possibilidade de transporte gratuito e, ao mesmo tempo, emergiam as tradicionais divisões da coletividade italiana, sobretudo na capital, onde a participação econômica dos profissionais mais abastados era inferior à esperada. Outras vezes, as colônias mais distantes da capital contribuía timidamente, pois a população estava mais ocupada com iniciativas para alcançar objetivos de consolidação identitária mais localizados.

O atraso das arrecadações e as dificuldades encontradas devido aos custos altos de transporte afastaram, definitivamente, a esperança de aprontar o monumento em Porto Alegre para as celebrações do Cinquentenário da Unificação

italiana, não obstante, em agosto de 1911, a obra já estivesse quase concluída na oficina carrarense. Os acontecimentos dos meses sucessivos não ajudaram muito. Com a guerra pela conquista colonial da Líbia, conduzida pela Itália a partir do final de 1911, os esforços organizados para coletar as últimas cotas necessárias encontraram a concorrência de novas subscrições patrióticas a favor da frota aérea italiana; a favor das famílias italianas expulsas da Líbia; e, finalmente, a favor da Cruz Vermelha, que foi ativada durante todo o conflito.

De fato, o monumento a José e Anita Garibaldi não seria inaugurado nem em XX de setembro de 1912, quando o baseamento já se encontrava parado no porto de Rio de Janeiro, enquanto o grupo marmóreo estava chegando no Brasil. O custo de deslocamento do Rio até Porto Alegre era maior que o da travessia oceânica, e ainda faltavam 4 contos de réis para quitar o preço final da operação. Tanto que o mesmo intendente da capital, que já tinha proporcionado a gratuidade dos gastos alfandegários e de armazenamento uma vez em Porto Alegre, se ofereceu para contribuir com o pagamento do transporte. O triunvirato que presidia o comitê agradeceu, mas recusou a oferta. O arranjo final do monumento tinha se tornado uma questão moral que envolvia a honra de toda a coletividade italiana.

Com o clássico transporte emocional e nacional patriótico, em vários números no mês de outubro de 1912 Adelchi Colnaghi incitava os mais “ricos” da colônia para que assumissem as últimas despesas sem correr o risco que fossem as autoridades brasileiras a resolver a questão, atribuindo-se o mérito de toda a iniciativa:

O monumento de José e Anita Garibaldi em Porto Alegre é destinado a levantar o valor da colônia italiana no Rio Grande do Sul. [...] Um último esforço e o arcanjo loiro da nossa independência, se destacará no meio das flores da praça homônima, elevando para o Céu, o seu nome imortal, o amor e a concórdia de todos os italianos rio-grandenses (STELLA D'ITALIA, 27 out. 1912).

Finalmente, como se disse, as vinte toneladas de mármore chegaram na capital gaúcha no dia 18 de maio de 1913 (22-25 de maio de 1913).

Em agosto, depois de ter decidido a data de XX de setembro para a inauguração do monumento, o jornal fazia um apelo geral a todos os entes e associações italianas do Estado a participar das solenes celebrações. Destacavam-

se os valores morais, mais do que artísticos da obra, evidenciando o fato que o monumento foi erguido a partir de uma iniciativa sincera e popular de toda a coletividade, sem a necessidade de ser guiado pelos órgãos institucionais:

A existência do monumento de Garibaldi em Porto Alegre assume para os filhos do Bel Paese a importância de um altar sagrado e glorificado pela nossa gratidão para com a pátria de adoção e aquela de origem. Garibaldi e Anita são a síntese da união indissolúvel de dois grandes povos latinos, de acordo na direção de um único ideal de fraternidade e de amor (STELLA D'ITALIA, 28 ago. 1913).

A inauguração

A data escolhida para a inauguração do monumento não podia ser senão um “20 de setembro”. A solene manifestação de 1913 foi descrita como a “apoteose da colônia italiana”, “o evento mais grandioso e eterno” na sua história. Naquele dia, as bandeiras *tricolores* se juntaram às brasileiras e, principalmente, as rio-grandenses. Nas primeiras horas da tarde, reuniram-se, na sede da “Vittorio Emanuele II”, os 55 delegados das associações italianas provenientes não apenas de Porto Alegre, mas também do interior do Estado. De lá iniciou-se um cortejo até a “Praça Garibaldi”, com centenas de pessoas que seguiam os vários estandartes, acompanhadas de bandas musicais da “Umberto I” e da Brigada Militar. Outras famílias, “em carros, bonde e automóveis, se dirigiram à Praça Garibaldi” (CORREIO DO POVO, 21 set. 1913). Na parte da tarde, na presença do cônsul italiano Beverini, do presidente do Estado, Borges de Medeiros, assim como de uma numerosa representação civil e militar, foram exibidas as bandeiras italiana, brasileira e rio-grandense, que cobriam o imperioso monumento de mármore; tocados os três hinos; e queimados centenas de fogos de artifício. O orador oficial designado para representar a colônia era o Dr. Stefano Paternò, que, em nome da coletividade, entregava a estátua ao povo do Rio Grande do Sul, depois de ter exaltado os gestos heroicos do guerreiro Garibaldi e da corajosa Anita. Foi um caloroso apelo aos rio-grandenses e aos italianos para que enxergassem no monumento “um sinal de aliança e concórdia, uma elevada afirmação da fraternidade dos dois povos” (A FEDERAÇÃO, 22 set. 1913).

Quem responde é o porta-voz oficial rio-grandense, Dr. Ildefonso Soares Pinto, jornalista do “A Federação” que, falando em nome do presidente Borges de Medeiros, agradeceu sublinhando, em particular, a escolha feliz do artista em

representar um evento passado no Brasil pelos “legendários farrapos de 35”. Apreciou muito o papel proeminente atribuído à “intrépida Anita”. Exaltou a bravura da heroína que:

tanto se batia de sabre em punho no convez de um barco, como manjava as armas nos campos de batalha [...]. Possuía também todas as dedicações de uma esposa virtuosa e os desvelos de mãe terna e exemplar. Ella podia servir de modelo as mães brasileira e italiana (A FEDERAÇÃO, 22 set. 1913).

Nas celebrações se juntaram outras manifestações festivas da comunidade italiana e, durante todo o dia, a sede do consulado, assim como a de várias associações, permaneceu embandeirada e iluminada. O cônsul recebeu membros da colônia e representantes das associações com doces e bebidas durante toda a manhã. À noite, na Praça Garibaldi, iluminada para a ocasião, tocaram diversas bandas musicais com sucessivas exibições de “fitas cinematográficas”. Às 22h da noite os fogos de artifício anunciavam o fim, apenas provisório, da festa. De fato, no dia seguinte, o comitê pró-monumento oferecia uma festa aos representantes das sociedades italianas provenientes do interior no salão do palacete da confeitaria de Nicola Rocco, e na sede da “Umberto I”, decorada festivamente para a ocasião, se apresentava um espetáculo e um baile. Todos os principais jornais rio-grandenses, junto aos de língua italiana, registraram com muita ênfase a importância das celebrações e a relevância de um monumento público que se tornava o “símbolo da fraternidade dos dois povos”.

Escrevia o “Stella d’Italia”:

O valor moral (do monumento) é evidente e indiscutível. Com o passar dos anos, as novas gerações, olhando para a estatua e lendo a sugestiva dedica: AI RIOGRANDENSI LA COLONIA ITALIANA XX-IX-MCMXIII esculpida na base, lembram com orgulho como a Colônia italiana se manteve sempre fraternalmente unida aos seus pais, não somente por vínculos de interesse, mas por afinidade de raça e de ideais (STELLA D’ITALIA, 25 set. 1913).

Considerações finais

A história do monumento a José e Anita Garibaldi nos ajuda a entender como a valorização e a construção identitária da italianidade entre os imigrantes, pelo menos a partir do período influenciado pela política castilhistas, não se desenvolveu através de uma contraposição étnica em relação aos brasileiros do Rio Grande do Sul. A contemplação de cultos civis que acomodavam os dois povos, reforçou um sentimento de maior integração. Por essa razão, em mais de uma ocasião, em nome de Garibaldi, as celebrações se uniam ou, ao menos, encontravam interessantes elementos de fusão. Enfim, italianos e gaúchos possuíam uma data celebrativa e um herói em comum.

Constantino sublinha como, apesar de uma ação diplomática mais agressiva no sucessivo período fascista, a narrativa construída pela elite intelectual dos imigrantes italianos, frequentemente a fim ao ideário do Partido Republicano Riograndense, continuará a insistir sobre a valorosa participação de vários compatriotas na epopeia farroupilha.¹ O alinhamento com o poder era uma “forma de proteger interesses e alcançar reivindicações” (CONSTANTINO, 2007, p. 105). Do lado gaúcho, apesar de uma matriz de orientação mais “lusitana”, desde a década de 20 até ao período sucessivo à Revolução de 1930, se reforçará uma tendência regionalista que valoriza a revolução de 1835 e identifica em Garibaldi e seus camaradas peninsulares os valores mais sinceros pela defesa da liberdade. A imagem do ilustre general, que veste o poncho sul-americano, continuará em primeiro plano na historiografia local, e colaborará, com certeza, para preservar um bom relacionamento entre as duas culturas.

Referências

- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas: reflexão sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BANTI, Alberto Mario. *Sublime madre mostra: la nazione italiana dal Risorgimento al fascismo*, Roma-Bari: Laterza, 2011.
- BARAUSSE, Alberto; BASTOS, Maria Helena Câmara. 2019. *O Stella d'Italia* Disponível em: <http://transfopressbrasil.franca.unesp.br/verbetes/o-jornal-stelladitalia-1902-1925>. Acesso em: 19 dez. 2020.
- BERNARDI, Mansueto. Gli Italiani e la Repubblica di Piratiny. *In: Cinquantenario dell'emigrazione italiana nel Rio Grande del Sud: La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*, Vol. I. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000, p. 35-46.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de. Memória de Garibaldi e a construção da identidade entre italianos no Rio Grande do Sul. *In: BARROS FILHO, Omar L. de; SEELING, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia (Orgs.). Os caminhos de Garibaldi na América*. Porto Alegre: Laser Press Comunicação, 2007, p. 87-107.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de; FAY, Claudia Musa (Orgs.). *Garibaldi, História e literatura: perspectivas internacionais*. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2011.
- CONSTANTINO, Núncia Santoro de; OSPITAL, María Silva. Construção da identidade e associações italianas: La Plata e Porto Alegre (1880-1920). *Estudos Ibero-Americanos*, Porto Alegre, v.XXV, n.2, 1999.
- CROCETTA, Benvenuto. Un cinquantennio di vita coloniale. *In: Cinquantenario dell'emigrazione italiana nel Rio Grande del Sud: La cooperazione degli italiani al progresso civile ed economico del Rio Grande del Sud*, Vol. I. Porto Alegre: Posenato Arte & Cultura, 2000, p. 357-462.
- DE RUGGIERO, Antonio. Le celebrazioni del XX settembre tra gli immigrati italiani nel Rio Grande do Sul. *In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; ARENDT, Isabel Cristina; WITT, Marcos Antônio (Orgs.). Festas, comemorações e rememorações na imigração*. São Leopoldo: OIKOS, 2014, p. 930-944.
- FANESI, Pietro Rinaldo. O mito de Garibaldi: origem e significados no Cone Sul até 1907. *In: BARROS FILHO, Omar L. de; SEELING, Ricardo Vaz; BOJUNGA, Sylvia (Orgs.). Os caminhos de Garibaldi na América*. Porto Alegre:

Laser Press Comunicação, 2007, p. 21-43.

FRANZINA, Emilio. Patria, região e nação: o problema da identidade na Imigração Italiana na América Latina. In: DAL BÓ, Juventino; IOTTI, Luiza Horn; MACHADO, Maria Beatriz Pinheiro (Orgs.). *Anais do Simpósio Internacional sobre Imigração Italiana e IX Fórum de Estudos Ítalo-Brasileiros*. Caxias do Sul: EDUCS, 1999.

HOBSBAWM, Eric J. E. *Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade*. São Paulo: Paz e Terra, 2016.

MOSSE, George. *La nazionalizzazione delle masse*. Bologna: il Mulino, 1974.

RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; VARGAS, Bianca de; LIMA, Tatiane de. Imigrantes em monumentos:

da gratidão às homenagens. In: RAMOS, Eloisa Helena Capovilla da Luz; MARTÍNEZ, Elda Evangelina González; ARENDT, Isabel Cristina; CUNHA, Jorge Luiz da; WITT, Marcos Antônio (Orgs.). *História da imigração: Possibilidade e Escrita*. São Leopoldo: OIKOS, 2014.

RIDOLFI, Maurizio. *Le feste nazionali*. Bologna: il Mulino, (e-book), 2011.

THIESSE, Anne Marie. *La creazione delle identità nazionali in Europa*. Bologna: il Mulino, 2001.

Jornais consultados:

“A FEDERAÇÃO”, 1913

“CORREIO DO POVO”, 1913

“STELLA D’ITALIA”, 1902-1913

Notas

1. Tradução minha do italiano.

2. Esta e todas as sucessivas citações do jornal *Stella d'Italia* são traduções minhas do italiano.

3. Em muitas ocasiões, o “Stella d'Italia” denunciava a escassa generosidade dos italianos que, em Porto Alegre, tinham alcançado posição de bem-estar econômico, mas que não participavam da vida coletiva da comunidade.

4. Foi o caso, por exemplo, da Colônia Silveira Martins que, em agosto de 1910, recusava sua colaboração, pois era ocupada com uma arrecadação financeira para construir o seu próprio monumento a Garibaldi, na praça local que portava o nome do General. A obra mais modesta foi inaugurada no mesmo ano e colocada ao lado da igreja paroquial local, sublinhando, simbolicamente, uma alma identitária que misturava o profundo sentimento religioso, com o patriotismo personificado no herói que foi símbolo e defensor da laicidade do Estado. No núcleo vizinho de Arroio Grande (distrito de Santa Maria), no entanto, a partir de 1912 se juntavam os esforços econômicos dos camponeses vênets para a construção de um monumento patriótico (inaugurado em julho de 1913), dedicado aos soldados mortos na “Guerra de Líbia” combatida pela Itália a partir do final de 1911.

5. Em particular, veja *A Federação*, de 22 set. 1913; e *Correio do Povo* de 20-21-22 set. 1913.

6. Nesse sentido, é emblemático o espaço dedicado à memória compartilhada da Revolução Farroupilha no texto “Gli italiani e la Repubblica di Piratiny” publicado em 1925, no grande álbum comemorativo do cinquentenário da emigração italiana no Rio Grande do Sul (Editora Globo).